

A Rússia e o Inverno do descontentamento

Se as circunstâncias económicas e sociais se deteriorarem nos próximos meses no conjunto União Europeia, ou em vários Estados desta, é expectável que o descontentamento suba de tom e surjam situações políticas difíceis de gerir.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 13 de setembro de 2022

1. Não sei se Vladimir Putin alguma vez leu *O Inverno do nosso descontentamento* de John Steinbeck, publicado em 1961. Mas o título adapta-se bem aos objectivos do Governo da Rússia, envolvido num confronto com a União Europeia / Ocidente devido à guerra na Ucrânia e onde a situação militar não lhe está a correr bem nesta altura. Em particular, capta a ideia de tentar provocar uma crise energética que desestabilize a economia europeia, provocando dificuldades de abastecimento, inflação e, por essa via, descontentamento social e político que leve a alterar as sanções.

No ponto em que nos encontramos do conflito, a Comissão Europeia pretende introduzir um limite de preços para as importações de gás oriundas da Rússia, para já sem consenso dos Estados-membros. Por sua vez, a Rússia ameaça retaliar cortando totalmente o fornecimento de gás. Nesta altura, não sabemos se os planos da União Europeia e dos Estados-membros para lidar com a crise energética (e a inflação) irão ser bem-sucedidos.

Apesar de algumas semelhanças com os choques energéticos dos anos 1970, a situação é em grande parte nova. Não existe um precedente claro que permita antecipar, com razoável grau de certeza, o que irá acontecer. Se as medidas resultarem, será um sucesso notável europeu numa situação muito difícil de gerir. Todavia, se as circunstâncias económicas e sociais se deteriorarem nos próximos meses no conjunto União Europeia, ou em vários Estados desta, é expectável que o descontentamento suba de tom e surjam situações políticas difíceis de gerir.

2. Para além de um importante apoio militar à Ucrânia do Ocidente (a maior proveniência é exterior à União Europeia, pois vem dos EUA e também do Reino Unido), a resposta europeia à invasão russa da Ucrânia foi largamente configurada pela via das sanções económicas, financeiras e energéticas. Em termos energéticos, a União Europeia pretende reduzir drasticamente a dependência do petróleo e do gás oriundos da Rússia. Em inícios de 2022, era, respectivamente, de cerca de 27% (no petróleo) e de cerca de 45% (no gás) face ao seu abastecimento total. Procura também fazê-lo introduzindo metas ambiciosas até ao final deste ano, desde logo através de uma redução em 2/3 do gás natural (e do fim da compra de produtos petrolíferos, com algumas excepções).

O objectivo é provocar uma quebra significativa das receitas da Rússia, infringindo-lhe danos económicos substanciais e reduzindo-lhe a capacidade de financiar a guerra. Todavia, para a União Europeia, pelo menos nos tempos imediatos — ou seja, no próximo Inverno —, as alternativas ao abastecimento de energia com proveniência na Rússia, em particular gás natural, são bastante mais caras. Passam, em grande parte, pelo Gás Natural Liquefeito (GNL) importado via marítima de países como os EUA e o Qatar.

Mas, no mercado internacional de gás, existe, nesta altura, uma forte concorrência entre os compradores. A dificultar (e encarecer ainda mais) o abastecimento europeu está o facto de uma parte significativa das transacções não se basear em contratos a longo prazo, mas em preços à vista. Por outras palavras, o gás natural vai para a oferta mais alta, por vezes até alterando o destino inicial do navio no mar, se surgir um comprador que pague mais.

3. A União Europeia e os seus Estados-membros puseram em prática uma diplomacia económica bastante activa, procurando diversificar as suas fontes de abastecimento e encontrar rapidamente novos fornecedores. No entanto, é necessário aqui notar que essas diligências não se traduzirão em fornecimentos muito significativos para o próximo Inverno, nem eventualmente para além dele, por várias razões.

No imediato, os EUA não têm capacidade de exportação suficiente para substituir o gás russo. Quanto às exportações com proveniência no Médio Oriente, como no caso do Qatar, estão já, em grande, destinadas a países da Ásia. Para além disso, no Sul do Mediterrâneo, incluindo no mais próximo da Península Ibérica, as tensões geopolíticas estão latentes, com reflexos directos no fornecimento de gás natural. A disputa entre a Argélia e Marrocos devido ao Saara Ocidental lembra-nos uma realidade crua: não é por causa de a Europa se afastar da Rússia que o abastecimento energético vai ficar imune ao risco geopolítico. Aliás, se olharmos para o padrão histórico do último meio século, vemos até que as crise e conflitos do Médio Oriente foram um perturbador muito maior dos mercados do que a Rússia.

Por outro lado, é simplista olhar para a questão energética como se o Ocidente, em bloco, estivesse na mesma situação de dependência face à Rússia e também com o mesmo grau de facilidade / dificuldade em encontrar alternativas. A situação europeia é bastante heterogénea. Há países largamente dependentes do abastecimento russo (no Centro e Leste e, sobretudo, na parte interior europeia sem acesso a abastecimento pelo mar); e há países sem qualquer grau de dependência significativo da Rússia, no extremo ocidental marítimo da Europa (Península Ibérica). Se durante o próximo Inverno houver falhas de abastecimento, veremos como funcionarão, na prática, os mecanismos de solidariedade e cooperação europeia planeados para as colmatar.

Acresce à heterogeneidade europeia uma diferença crucial dentro Ocidente: ao contrário da União Europeia, os EUA puderam banir, sem custos comparáveis aos dos europeus para a sua economia, as importações de combustíveis fósseis da Rússia. A imensa produção de petróleo norte-americana (que voltou ao topo mundial) e de gás

natural (que vai ganhar mercado de exportação pelo que as sanções à Rússia são lucrativas, pois permitem afastar de um concorrente maior no mercado mundial) dá aos EUA autonomia estratégica (e perspectiva de ganho) que os europeus não têm.

4. No próximo Inverno, a actual política da União Europeia face à Ucrânia e as sanções aplicadas à Rússia vão estar sujeitas a uma espécie de corrida de obstáculos, com alguns mais facilmente transponíveis do que outros. O caso da Alemanha — a maior economia europeia e com uma larga dependência industrial do gás fornecido pela Rússia — é um caso óbvio a seguir para se perceber do sucesso, ou fracasso, da política da União Europeia.

Para além da Alemanha, há ainda o caso da crónica divergência da Hungria de Viktor Orbán, que se afastou da política dura de sanções, com uma atitude muito mais conciliadora com a Rússia. Relevante é também o caso da Bulgária — Estado com tradicionais ligações históricas e culturais à Rússia —, profundamente dividida entre os que se opõem à manutenção da dependência energética actual e os pró-russos que pretendem negociar um novo acordo de fornecimento de gás com a Gazprom.

Mas, no imediato, quem pode causar mais mocha na política europeia de sanções à Rússia é a Itália. Com eleições legislativas no próximo 25 de Setembro, parece plausível, nesta altura, que uma coligação de partidos de direita e de direita radical possam chegar ao governo italiano. Entre os grandes Estados da União Europeia — e as maiores economias da Zona Euro — a Itália é aquele onde as simpatias pela Rússia de Vladimir Putin tem maior dimensão. No passado, políticos como Silvio Berlusconi e Matteo Salvini mostraram bem essa faceta.

Claro que a ser assim será um problema grave para actual política da União Europeia. Aquilo está em causa não é os europeus passarem a aceitar a versão propagandística russa sobre a operação especial na Ucrânia (nome oficial dado à invasão militar). O que poderá acontecer é os europeus afrouxarem, cada vez mais, a vontade de suportar os custos que a resposta europeia implica e que, dentro do Ocidente, os americanos não têm. Vladimir Putin sabe isso e quer provocar um Inverno do descontentamento na União Europeia. Os europeus querem retribuir, provocando similar Inverno na Rússia.

Veremos quem se sairá melhor, ou se ambos perderão neste jogo de sanções e contra-sanções, deixando os ganhos para outros: a Arábia Saudita, os EUA e, especialmente, as grandes multinacionais da energia fóssil, desde logo a Saudi Aramco, que voltou a ser a empresa mais valiosa do mundo.

<https://www.publico.pt/2022/09/13/mundo/analise/russia-inverno-descontentamento-2020219>